



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC  
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**FABIANA CONCEIÇÃO COSTA SANTOS**

**"TENDÊNCIAS NEOLATINIZANTES DO LATIM VULGAR": ASPECTOS DE  
MUDANÇA LINGUÍSTICA CONFIRMADAS NA DERIVAÇÃO PORTUGUESA**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2016**

**FABIANA CONCEIÇÃO COSTA SANTOS**

**"TENDÊNCIAS NEOLATINIZANTES DO LATIM VULGAR": ASPECTOS DE  
MUDANÇA LINGUÍSTICA CONFIRMADAS NA DERIVAÇÃO PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para conclusão do curso de  
Licenciatura Plena em Letras com Habilitação  
em Língua Portuguesa da Universidade  
Estadual da Paraíba.

Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237t Santos, Fabiana Conceição Costa  
"Tendências neolatinizantes do Latim vulgar" [manuscrito] :  
aspectos de mudança linguística confirmadas na derivação  
portuguesa / Fabiana Conceicao Costa Santos. - 2016.  
26 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, Departamento  
de Letras e Artes".

1.Latim vulgar. 2.Língua portuguesa. 3.Gênese da língua. 4.  
Mudança Linguística. I. Título.

21. ed. CDD 477

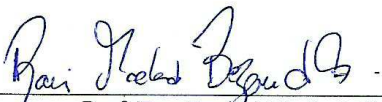
FABIANA CONCEIÇÃO COSTA SANTOS

**"TENDÊNCIAS NEOLATINIZANTES DO LATIM VULGAR": ASPECTOS DE MUDANÇA LINGUÍSTICA CONFIRMADAS NA DERIVAÇÃO PORTUGUESA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba.  
Área de concentração: Linguística- Língua Portuguesa.

Aprovada em: 20/10/2016. Média 8,0

BANCA EXAMINADORA

 _____ Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva (Orientador) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Nota <u>8,0</u>
 _____ Prof. Me. Alessandro Giordano Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Nota <u>8,0</u>
 _____ Prof. Esp. Ranieri Machado Bezerra de Melo Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Nota <u>8,0</u>

CAMPINA GRANDE  
2016

A Deus que ilumina minha vida e em memória de meu pai Antônio, que me fez ser o que sou. Que Deus em sua infinita misericórdia o receba em sua corte celestial descanse em paz, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar sustento, por me capacitar intelectualmente e principalmente emocionalmente durante toda minha vida, por me dar forças e não desistir mesmo pelo o tempo ter passado tão depressa e ter acontecido vários fatos inesperados não permitiu que me desanimasse. Dando-me saúde e força para a realização deste trabalho.

Ao professor Dr. Ricardo Soares, sem o qual a realização deste trabalho não seria possível. Por ter sido tão generoso e de tamanho coração que não desistiu de me orientar não sei como lhe agradecer com as palavras, mas peço a Deus que continue sendo essa pessoa única entre tantas que não exerce a prática de olhar para o próximo nos tempos de hoje. Agradecida eternamente por ter me concebido esta última chance, em poder realizar este trabalho e realizar meu sonho. Obrigada pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A meu pai Antônio (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força. E ao escrever lembro-me de suas palavras quando saía a noite para a universidade: “Será que Deus vai me permitir lhe ver formada um dia?” Infelizmente não foi possível mas sinto que onde estiver sentirá bastante feliz ao me ver feliz também quando esse momento chegar.

A minha querida mãe Maria Helena e aos meus irmãos: Flávio, Janaína e Elizângela e a minha cunhada Cida e as minhas sobrinhas Hellen e Helliana e a minha amiga Joseilma por ter me incentivado e contribuído com as palavras de apoio e incentivo a escrever este trabalho.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, em especial, Tereza Neuma, Darcy Fernandes, Marta Anaísa que obteve no decorrer do curso uma melhor visão sobre a língua portuguesa. Aos professores Wellington Rodriguês e Roberto que tive conhecimento básico do latim e que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores Alessandro Giordano e Raniere Melo, membros da banca, pelo convite aceito e atenção dispensada que contribuíram com a finalização deste trabalho acadêmico.

A Williams, meu esposo que me ajudou através de palavras e sugestões e que ficou por vários momentos de minha ausência com minha querida filha, minha bebê Juliana.

Aos funcionários da UEPB, a toda Coordenação, Telma, Lucielma, Vanusa e os bibliotecários, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos meus amigos pelos momentos de amizade e apoio: Adilene, Aparecida, Hosiél, Marisa, Lidiane e Kalberta. A distância de fato não nos permite se reencontrar novamente, mas sinto saudades de todos.

"Todos estos exemplos trouxemos, pera mostrar claramente que não ha lingoa algua pura, nem a houve sem ter mistura de outras lingoas."

**Duarte Nunes de Leão** (1530?-1608), historiador português, em *Origem da Lingoa Portuguesa*.



# "TENDÊNCIAS NEOLATINIZANTES DO LATIM VULGAR": ASPECTOS DE MUDANÇA LINGUÍSTICA CONFIRMADAS NA DERIVAÇÃO PORTUGUESA

Fabiana Conceição Costa Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa centra-se no estudo voltado a perceber os aspectos de mudança linguística confirmadas na língua Portuguesa. Para tanto, analisaremos por meio dos estudos históricos da língua portuguesa, sobretudo do LV. Com base em um recorte nos estudos da modalidade do Latim Vulgar a partir da Península Ibérica. O objetivo é apresentar os problemas que buscam esclarecer fenômenos relacionados à evolução do Latim Vulgar até se tornar língua portuguesa, bem como discutir as questões geográficas e políticas que de forma imprescindível para a formação que a língua portuguesa veio a adquirir, a partir das influências das Tendências neolatinizantes que será demonstrada em seus aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos. Assim, podemos apreciar de início um pouco sobre a evolução da LP. Contudo, Investigamos como e de que modo a modalidade da língua falada (Latim Vulgar) foi fator primordial para a formação das línguas neolatinas. Para isso buscamos suporte teórico em (Coutinho, 2005), (Furlan, 2006), (Silva Neto, 1946), (Hauy, 2008) entre outros.

**Palavras-Chave:** Latim Vulgar. Língua Portuguesa. Gênese da Língua. Mudanças Linguísticas.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: fabi232010@hotmail.com Tel:(83)98731- 6023

## 1. INTRODUÇÃO

A língua é o mais precioso recurso simbólico de uma cultura. Na verdade, a sociedade humana não se constitui sociedade sem a língua. É ela que expressa os desejos e, por isso, revela nossa existência, organiza nossos pensamentos e permite, grosso modo, compreendermos quem somos e nossas origens. Através desta reflexão, propomos investigar a língua para compreendê-la no âmbito diacrônico, especialmente nossa língua portuguesa e como a mesma se originou.

A Língua portuguesa (LP) originou-se do Latim Vulgar (LV), que foi introduzido na Península Ibérica pelos conquistadores romanos em 218 a.C. Damos o nome de neolatinas às línguas modernas que provêm do Latim Vulgar. No caso da Península Ibérica, podemos considerar o Catalão, o Castelhana e o Galego Português como as primeiras línguas nacionais da região.

Em face de tantas dúvidas acerca da estrutura de nossa Língua, sua origem e suas transformações, este trabalho acadêmico tem como base a pesquisa qualitativa de ordem bibliográfica e apresenta como objetivo principal obter uma visão preliminar sobre a derivação portuguesa do Latim Vulgar, a partir de sua expansão territorial e linguística.

Abordamos a Língua Portuguesa sob uma perspectiva histórica, particularmente por meio de uma pesquisa de estudo histórico-linguístico relacionada à modalidade Vulgar do Latim.

No presente artigo, cumprimos algumas reflexões acerca de "tendências neolatinizantes do Latim Vulgar"<sup>2</sup> que se confirmaram no português. E essa trajetória é o objeto de estudo deste trabalho.

Contudo, não abordamos apenas a necessidade da valorização dos estudos diacrônicos, mas especialmente o intuito de reputar o estudo do Latim como disciplina propedêutica na investigação e elucidação de muitos fenômenos linguísticos de nossa língua vernácula.

Dessa maneira, pretendemos, ainda que brevemente, comprovar a presença do latim no português, verificando tópicos básicos em seus aspectos: "lexicais", "fonéticos e fonológicos", "morfológicos" e "sintáticos", que, como qualquer outra, a língua portuguesa origina-se de um complexo processo de mudanças linguísticas que não cessam também em sua modalidade mais contemporânea, adequando-se às necessidades da atual sociedade.

---

<sup>2</sup> Subtítulo extraído da obra "Língua e Literatura Latina e sua Derivação Portuguesa", do autor Oswaldo Antônio Furlan (2006, p.303), cuja parte integra o tema homônimo deste trabalho.

A investigação divide-se em quatro etapas: Na primeira, consideramos definir o que designa o "Latim Vulgar"; na segunda, discorremos sobre a expansão territorial e linguística do Latim Vulgar, através da romanização na Península Ibérica; na terceira, destacamos as contribuições significativas dos substratos e superestratos linguísticos. Na última, ressaltamos os aspectos linguísticos propriamente ditos como tendências neolatinizantes existentes ainda no Latim Vulgar (LV).

## 2. Designações acerca do termo "Latim Vulgar" (LV)

Para se falar em Latim e sua importância para a formação da Língua Portuguesa (LP), como também para as demais línguas modernas neolatinas, é importante destacar, de início, acontecimentos que servem de base para a compreensão do surgimento da própria origem das línguas ocidentais modernas da Europa.

Neste caso, cabe ressaltar aqui uma breve reflexão de Pita (2002, p.3):

Estuda-se o Latim não para ser camareiro, intérprete, correspondente comercial, mas para conhecer, diretamente, a civilização e a história de um povo, pressuposto necessário da civilização moderna, ou seja, para sermos nós mesmos e nos conhecermos de maneira consciente.

Partindo desse pressuposto, o Latim proveio de um entroncamento etnolinguístico chamado Indo-europeu que, para Coutinho ( *apud* LUNA NETO, 1998, p.11), "essa expressão refere-se a uma grande família étnica, composta por uma mesma raça branca chamada também de Ariana quanto linguística, formada por outros dialetos dessa mesma origem como: o grego, o sânscrito e as línguas germânicas".

Aceita-se, pois, como hipótese a ideia generalista de um sistema de correspondências entre línguas de um tronco comum, o que nos faz refletir sobre uma possível existência de um nascedouro linguístico a que chamamos de indo-europeu.

Hauy (2008, p.23) demonstra que:

Entretanto, embora não se tenha chegado a uma recomposição dessa primitiva língua, da qual provem quase todas as atualmente faladas na Europa e Ásia, pesquisas realizadas no começo do século XIX pelo filósofo alemão Franz Bopp demonstraram, pelo método da gramática comparada, o parentesco linguístico das línguas indo-europeias e provaram, dessa forma, pelo estudo comparativo de diversos fatos fonéticos das várias línguas indo-europeias, a existência do indo-europeu.

Decerto, o Latim pertence à família itálica (Osco, Sabélico, Úmbro), dentre as quais destacou-se por força de seu poder conquistador. Com efeito o ramo itálico deriva do Indo-Europeu, línguas da Ásia e da Europa, o Latim propriamente dito tem sua origem no corpo linguístico de um Latim primitivo, que apresentou sinais de existência escrita no século VI a.C, pois que não surgiu já forjado em sua modalidade Clássica. Necessariamente, ele foi se transformando através do tempo e do espaço e do contato entre povos de falares diversos, como: úmbro, o osco e o sabélico, pertencentes ao ramo itálico. Dessa miscelânea linguística, sobrepujou-as o Latim. Dele, surgiram as línguas neolatinas.

Logo, o latim e outras dezenas de línguas modernas da Europa derivam hipoteticamente desse mesmo tronco linguístico comum chamado indo-europeu. Consoante ao Latim, foi através do falar de um povo de cultura rústica, que vivia no centro da Península Itálica (o Lácio), que se originou com o tempo a desempenhar um extraordinário papel na história da civilização ocidental: a língua de Roma.

Tanto Cardoso (2006) quanto Soares Amora (2009) compreendem que o "Latim" era língua falada pela massa que habitava a região do Lácio (*Látium*), localizada na Itália Central onde, em meados do século VIII a.C, foi fundada a cidade de Roma.

Em sua divisão linguística, o Latim pode ser classificado em várias categorias, por exemplo: "clássico", "vulgar", "arcaico" "imperial", "cristão", "tardio" ou "baixo-latim", "escolástico", "bárbaro" etc., de modo que Fonseca (1985, p.31-39) define conforme sejam entendidas:

Latim Arcaico aquele que se documenta desde cerca de 600 a.C. até cerca de 100 a.C. Latim Imperial, aquele que foi escrito nos dois primeiros séculos da era Cristã já não clássico, mas ainda de ótima qualidade como o Tácito, Sêneca, Plínio o jovem, Juvenal e Quintiliano; Latim Cristão. O empregado pelos escritores cristãos após o século II d.C. Para anunciar ao povo não cristão a boa nova de Cristo; Latim tardio ou baixo latim o dos séculos III a VI, usado pelos monges, pautado na tradição gramatical do latim literário. Latim Escolástico aquele que foi escrito pelo teólogo da Escolástica dos séculos XII e XIII.

Furlan (2006, p.33) defende o fato de que:

Latim Bárbaro é conjunto de fórmulas mais ou menos corretas, de mistura com vocábulos de outras línguas [como a galaico-portuguesa] sob forma alatinada ou não que foi ligado à posteridade nos documentos notoriais da Idade Média.

E importa a Hany (2008 p.26) reiterar que:

Latim sem regra, também misturado com o léxico de outras línguas, empregado pelos tabeliães foi o latim bárbaro que os cartórios documentaram em contratos, testamento, doações e outros escritos de ordem jurídica.

No que concerne à designação própria de Latim Clássico (LC), pode-se conceber como a variante de prestígio usada pela elite e por estudiosos e escritores importantes. Por sua vez, o que concerne à expressão LV, pode-se entender que se tratava de sua modalidade popular, usada pela grande massa que não possuía escolarização. As duas vertentes do Latim eram denominadas pelos romanos respectivamente como *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*.

Coutinho (2005, pp.29-30) assim conceitua as modalidades do Latim:

Diz-se Latim Clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a *urbanitas*. [...] Chama-se Latim Vulgar o Latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana, inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estavam compreendidas a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferente às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas e literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente.

Já Furlan (2006) conceitua Latim Vulgar como aquela modalidade que foi correntemente falada pelo povo romano no Império que, tendo evoluído de modos diferentes nas diversas províncias e também nas falas dos nobres, de uma forma mais ampla relaciona-se em sua variante a elementos linguísticos que o influenciaram como o substrato de outras línguas em outras localidades, tendo dado origem aos falares regionais chamados "romances" ou "romanços", dos quais derivaram as atuais línguas neolatinas<sup>3</sup>. Ainda segundo o autor é preciso entender o LV sem preconceito como Latim Corrente, sem conotação pejorativa como latim falado em situações informais pela população romana, cumprindo sua variante popular que se depreende da palavra *Vulgus* que em Latim significa: "povo".

Assim, sobre o Latim Vulgar Furlan (2006, p.31) acrescenta que:

Entendê-lo no sentido depreciativo de vulgarismo, de uso linguístico condenável, implicaria equívoco resultante de visão linguística superada:

- a) De mudança, que se apoia no princípio de deterioração linguística, como se o Latim vulgar tivesse resultado de corrupção do Latim Clássico;

<sup>3</sup> Dá-se o nome de línguas românicas ou neolatinas ao grupo de idiomas que evoluíram do Latim Vulgar. Concluimos, pois, que todas as línguas românicas têm como origem mediata o LV e imediata os romances. Latim Vulgar > romances > Línguas Românicas (do séc V ao IX).( CARVALHO, 1977,p.29)

- b) De Língua Morta, como se o Latim não sobrevivesse hoje nas línguas românicas;
- c) De evolução cronológica, como se o Latim Vulgar tivesse sucedido ao Latim Clássico.

A grande diferença entre as duas modalidades do latim não é cronológica como se assevera, pois o LV não sucede ao LC. O LV se constituiu ao mesmo tempo que o LC, pois que aquela hipótese é considerada insustentável. Enfim, as duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado, a de uma sociedade conservadora constituída pelo patriciado; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências constituídas a partir da plebe romana.

Apesar da grande dominação romana, o Estado Romano, durante o auge das suas conquistas, não conseguia mais manter uma unidade administrativa e política. E, ao atingir o ápice de seu expansionismo, o Império Romano começou a ruir. Em 395, o grande Império foi dividido em duas partes pelo imperador Teodósio, a fim de fortalecer cada uma delas. Formaram-se, então, o Império Romano do Ocidente, com capital em Roma, e o Império Romano do Oriente, com sede em Constantinopla (hoje Istambul). Após a ruína do Império Romano ocidental, em 476 d.C, o LV se expandiu mais livremente pelos domínios do império romano ocidental, pois que o controle político e administrativo, mais fragilizado, abria-se às invasões bárbaras<sup>4</sup>, consoante a fragilidade de suas defesas originando diferentes romances conforme às adaptações linguísticas de contato e influências entre povos acomodando, assim, os diversos falares regionais e, depois, as várias línguas neolatinas. Os romances eram as línguas tipicamente faladas, aprendidas como primeira língua e presentes em todas as atividades diárias, mas sem acesso aos documentos escritos. É uma espécie de língua intermediária entre o LV e as primeiras línguas nacionais derivadas daquela.

Assim, as línguas neolatinas não são todas originadas do Latim falado em Roma. A relação entre os diversos falares regionais a partir do latim resultou em modificações regionais dentre as quais surgiram as línguas românicas. As línguas Românicas são o conjunto de variações do LV falado nas diversas localidades do domínio do Império Romano. Elas, no entanto, conservam em sua estrutura linguística vestígios de filiação ao Latim vulgar falado em Roma.

---

<sup>4</sup> O poder central opôs uma resistência cada vez mais fraca aos bárbaros (do gr. bárbaroi "estrangeiros", isto é, não romanos, posicionados por migrações de povos de origem asiática. Nos territórios romanos que margeavam o Danúbio e o rio Reno, os bárbaros tornaram-se cada vez mais numerosos, sob a forma de infiltrações (frequentemente, os romanos assentaram populações bárbaras em seus territórios, com a finalidade de pacificá-los, e de usá-los como escudo contra outros invasores), incursões e finalmente de verdadeiras invasões e conquistas. (ILARI,1999 p.46)

A Língua Portuguesa possui gênese no LV introduzido na Lusitânia pelos romanos, região localizada ao Ocidente da Península Ibérica. Para que se possa ter melhor compreensão histórica da nossa língua vernácula e de sua derivação aborda-se o Latim Vulgar (*Sermo Vulgaris*) como mola propulsora do surgimento da LP.

Coutinho (2005, p.46) defende que sobre a LP pode-se afirmar:

[...] com mais propriedade que o português é o próprio Latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver transformado no grupo de línguas românicas ou novilatinas.

Como prova dessa permanência do latim na língua portuguesa, considera-se alguns radicais de palavras vivas da Língua Portuguesa usadas diariamente por falantes, a exemplo de "agricultura", que deriva *agru*, que significa "campo"; ou da palavra "olho", que deriva *oculu* > *oclu* e significa primitivamente o órgão responsável pela visão; ou, ainda da palavra "*saponáceo*", que deriva de "sapone", que se traduz por sabão; ou, por fim de "paternal", que deriva de *patre* que significa "pai"<sup>5</sup>.

Usamos essas e tantas outras palavras naturalmente, às vezes sem se dar conta de que seu radical, o prefixo ou o sufixo são de origem latina. Não que isso seja necessário para se aprender a língua portuguesa, porém, certamente, se o falante tiver esse conhecimento muitas questões respeitantes ao conhecimento linguístico serão melhor elucidadas.

Portanto, para saber sobre a origem da língua portuguesa é preciso conhecer melhor a história do caldeirão linguístico ibérico, nosso próximo assunto. No tópico seguinte tratamos a questão da romanização ibérica a partir de sua fragmentação linguística após a queda do Império Romano do Ocidente.

### 3. Romanização da Península Ibérica: a Unidade Linguística do LV

Para entendermos a origem, formação e evolução de nosso idioma faz-se necessário entender o panorama histórico e político que conferiu à romanização de vastas localidades o estatuto de Império.

Dos territórios conquistados pelo Império Romano, a Península Ibérica foi um dos últimos a ser anexados à tutela de Roma. Situada no extremo oeste do continente europeu, a

---

<sup>5</sup> *ager*, *oclu*, *sapone* e *patre* estão no acusativo com a apócope do "m" pois que se tratam do caso lexicogênico do português e dele deriva a maior parte de nosso léxico.

Ibéria já havia sido palco de embates entre povos distintos antes de sua romanização. A história da Península antes da conquista romana é bastante hesitante como nos afirma Coutinho (2005, p.46):

As investigações feitas através da arqueologia, etnologia, e linguística levam-nos a concluir que dois povos primitivamente habitaram o solo peninsular: um cantábropirenaico e o outro mediterrâneo. Destes dois povos se teriam originado respectivamente o basco e o ibero. Coube a este último papel mais importante na história da Península. É de seu nome que os historiadores gregos chamaram à região Ibéria.

Atualmente, todas as línguas ibéricas com exceção do Basco, derivaram do Latim. A origem do Português também remonta ao Latim. Mas, por que se desenvolveu esta língua, com estas características, neste local ocidental da Europa? Para termos a resposta a esta indagação teremos que viajar no tempo, até 218 a.C, data em que o exército romano, na campanha da Segunda Guerra Púnica, com a luta estabelecida entre romanos e cartagineses, desembarca na Península Ibérica, dando início a um longo processo de aculturação dos povos peninsulares. Tal processo ficou conhecido como Romanização. A aculturação citada anteriormente designa às mudanças que podem acontecer em uma sociedade ou de um povo, diante da fusão de elementos culturais externos, geralmente por meio de dominação política, militar e territorial. Nesta situação demonstrada a imposição mais significativa ao conquistar um território era impor a língua latina aos povos dominados. Durante séculos, aconteceram conquistas realizadas pelos romanos, que cada vez mais abrangiam seu território por meio de invasões e guerras. Com isso, o exército romano crescia mais e mais, não só na dimensão populacional, mas principalmente na formação e organização política.

Este crescimento fez com que a população romana se tornasse um grande império, a ser lembrado por séculos pelo seu imenso poder de conquista. Contudo, com a forma política utilizada pelo exército, os imperadores deixaram de almejar o alargamento territorial para visar a estabilização do império, o que veio a provocar a sua decadência. Durante muito tempo o império lutou para continuar no poder, mas a derrota do grandioso Império Romano foi inevitável. Assim afirma Haury (2008, p.25):

O Império do Ocidente já estava, então, em plena decadência, esfacelado pelas invasões sucessivas dos bárbaros, quando em 476 caiu em poder do bárbaro romanizado Odoacro, um alto oficial do exército romano, germano da tribo dos hérulos. Odoacro derrubou o último imperador do Ocidente (Rômulo Augústus) e se fez proclamar rei da Itália, aliado do Imperador do Oriente. O Império parecia, então, reunificado, mas, na realidade, o Imperador mandava apenas no Oriente, pois, no Ocidente, reconhecidos como aliados, dominavam os bárbaros.



Percebe-se a força dimensional que a língua latina adquiriu. Para isso, ocorreu a contribuição dos fatores da romanização que os romanos se utilizavam para alargar seus domínios.

Conforme Coutinho (2005, p.49) para a romanização das populações nativas, concorreram poderosamente vários fatores:

O recrutamento militar dos jovens provincianos que depois de prestado o serviço ao exército, volviam ao seio da família; o excelente sistema rodoviário romano que permitia fácil intercâmbio com a metrópole, o direito de cidadania concedido as urbes hispânicas pelos imperadores, por último o cristianismo pregado pelos padres num latim muito acessível.

Estes fatores mais tarde vieram influenciar a cultura dos povos suplantados, juntamente com a expansão do latim, o que lhes trouxe um prestígio imensurável por ser a língua oficial do exército romano a qual os povos passavam a utilizar não por mera imposição, mas simbolicamente como norma de prestígio e mérito de cidadãos do império.

Os povos suplantados passaram a se comunicar também por meio da língua latina, acabando por tomar pela conquista o lugar das línguas nativas e, por meio disso, os povos eram incorporados pouco a pouco aos romanos. Estes tinham certo interesse em firmar poder também pela língua, assim a romanização era baseada na organização administrativa com o intuito de estabelecer controle e organização também política primeiramente a partir do governante local, de oficiais, funcionários, negociantes entre outros, que eram agenciados pelos donos do poder para, assim, chegar até a classe menos favorecida da comunidade, que já havia sido latinizada.

O processo de romanização marca o início das mudanças linguísticas que o Latim viria sofrer, pois ao ser incluído dentro de um grande território passou a influenciar e ser influenciado por outros idiomas existentes na época.

Como de fato já mencionamos sobre os dois tipos mais conhecidos do latim, o LC e o LV. Esse último por ser falado pela maioria da população sofreu uma mudança transformacional bem maior do que o Latim Clássico, pois este, como toda e qualquer língua escrita formal tende a conservar de modo geral o que lhe é prescrito, adotando apenas e com muito esforço o que é de uso espontâneo depois de muito tempo e reflexão. Assim, o latim literário nem sempre conseguia impedir a utilização de novas expressões vulgarizantes da

língua, acabando por também transformar-se, porém, essa transformação não se compara à evolução que se nota no LV, uma vez que esse esteve ligado a fatores históricos e sociocomunicativos diversificados como no contato com povos de outros idiomas, com certo parentesco linguístico, que veio proporcionar mais rápida transformação na constituição interna do sistema linguístico.

A influência do Império romano é inegável, principalmente em relação ao aspecto evolutivo da língua latina, realizado pela população que com ela manteve contato; e sem qualquer intenção, passou realizar a miscigenação linguística entre idiomas e, conseqüentemente, desencadear mudanças que transformariam a língua devido a seu caráter espontâneo, dinâmico, diversificado afetivo entre outros aspectos que só a fala é capaz de estabelecer.

Portanto, como ocorre com a língua portuguesa hoje, a língua latina sofreu mudanças com o tempo. Com as várias conquistas ocorridas, é claro que o latim não ficou isento das influências dos substratos e superestratos linguísticos que são abordados no capítulo seguinte.

#### **4. A Influência dos Substratos e Superestratos Linguísticos**

Sob o respaldo dos estudos de Cardeira (2006, p.26), o processo de romanização linguística iniciou em 218 a.C. Os romanos ao desembarcar em uma cidade chamada Ampúrias encontraram uma Península fragmentada de falares diferentes. Nesta região, habitavam povos e tribos de origens diversificadas, de modo que a diversidade de etnias encontrada correspondia a uma grande variedade linguística. Com isso a introdução do latim provocada pela ação da romanização ocasionou imediatamente um período de bilinguismo. Percebe-se que durante esses acontecimentos, podemos constatar a manifestação dos substratos linguísticos.

Com base em Basseto (2005, p. 153), conceitua-se substrato linguístico como:

A língua de maior prestígio, cultural e político tende a se impor naturalmente sobre a outra, que passa a perder seus falantes que acabaram por adotar o idioma de maior prestígio, até que o uso de sua língua materna se torne restrito, geralmente, às regiões periféricas e rurais ou venha a desaparecer. No caso de ser a língua do povo vencido que deixa de ser usada para se utilizar a do vencedor, de maior prestígio; deixando, contudo, marcas nessa última, fala-se substrato (sub + stratum, "camada de baixo).

Os substratos linguísticos são provas incontestáveis de que a absorção de um determinado léxico por um idioma está vinculada à dominação cultural desse idioma por parte daquele de que se origina a palavra adquirida. Percebe-se que no substrato de uma língua, apresentam-se resquícios de outras línguas que foram num determinado momento dominadas pela primeira. Se uma língua dominada é "forçada" a se "apagar" por imposição de uma segunda língua em seu território de vigência, não obstante a imposição, terá muita possibilidade de deixar sinais linguísticos (lexicais, fonéticos, morfológicos etc) nesta outra, sobretudo representados nos vocábulos e na prosódia, que não se apagaram, porque permaneceram nos hábitos articulatórios e expressões mais populares, transformando definitivamente a língua de maior prestígio.

Consideramos, então, as marcas de substrato linguístico apresentados no Português. Segundo ( Furlan, 2006 p.210), os povos pré-romanos que habitavam a Península Ibérica no início do processo de romanização era composto por:

celtas, iberos, púnicos-fenícios, lígures, gregos e outros grupos. De suas línguas derivaram para o português alguns sufixos -como -arra (barcarra), orro (beatorro) -asco (penhasco), ego (borrego) e algumas palavras de sentido concreto: arroio, balsa, barro, braga (s), carrasco, gordo, lama, lanças, lousa, manteiga, etc.

Seguindo o exposto acima, acrescenta-se dizer que na Lusitânia pré-romana foram os celtas que tiveram maior valor linguístico e possuía grande contribuição para a estruturação do português em relação aos aspectos lexicais. Assim, temos alguns exemplos de contribuição lexical, conforme Hauy (2008, p.28):

Vestígios dos celtas no léxico temos, por exemplo, os substantivos comuns: cavalo (< *caballus*), carro (< *carrus*), bico (< *beccus*), berço (< *bertium*), camisa (< *camisia*), saio, saia (< *sagum*), cabana (< *cappana*), cerveja (< *cerevisia*), légua (< *leuca*), vassalo (< *vassalus*), manteiga (< *mantica*), caminho (< *caminium*), gato (< *cattus*), lança (< *lancea*); os topônimos da Lusitânia: Coimbra (< *conimbriga*), Bragança (< *Bragantium*), Évora (< *Ebora*), Lisboa (< *Lisbona*).

Podemos destacar ainda a influência dos vocábulos de origem ibérica, mencionado por Furlan (2006, p.330), compreende-se algumas palavras como:"abóbora, barro, bezerro, cama, garra, louça, manteiga, sapo, seara". Palavras estas de base pré-românica.

Outro aspecto relevante que contribuiu para o enriquecimento linguístico do português, além do substrato é o que se convencionou de superstrato ou superestrato linguístico, que são o conjunto, em uma dada língua, de vocábulos advindos de línguas

impostas por meio da dominação, que não chegam a substituir o idioma local, mas deixam nele suas contribuições.

Para que se tenha uma melhor compreensão sobre seu significado, adotamos o Dicionário de Linguística e Gramática de Camara Jr (2007), o qual define o termo "superstrato" como o "nome da língua de um povo conquistador, quando ele a abandona para adotar a língua do povo vencido". Portanto, o superstrato preserva-se sobretudo no léxico da língua adotada, enriquecendo-o com traços da cultura do povo conquistador. As línguas germânicas, com as invasões bárbaras, constituem um dos superstratos do latim imperial hispânico. Desse processo, proveio o acervo lexical de Germanismos nas línguas românicas da Ibéria. Assim, encontram-se no vocabulário português, vários termos de origem germânica, tais como: "guerra, roubar, bando, banda, bandeira, baluarte, escaramuça, dardo, brandir, galopar, arauto, feudo, orgulho, rico, branco, franco, tacanho". (Hauy, 2008 p. 30-31).

Há ainda, que se destacar o que temos de registro quanto à influência lexical árabe no português. Como se sabe, a invasão árabe da Península Ibérica é de se considerar um acontecimento memorável para a história e que, de fato, dele adveio um grande número de vocábulos, como podemos conferir nas palavras de Cardeira (2006, p.32):

Também o léxico comum se enriqueceu com termos árabes. Nos campos semânticos referentes à administração e à guerra (alcaide, almirante, alferes, alfândega, algazarra, alarido), à arquitetura e organização urbana (alpendre, açoteia, tabique, azulejo, andaime, armazém, bairro, aldeia,) à agricultura (açude, azenha, nora), à ciência (algarismos, álgebra, cifra, azimute, zênite), os empréstimos multiplicam-se. Exemplos de vocábulos designando instrumento (alicate, alfinete, almofariz, rabeça, tambor), plantas e frutas (alecrim, alfazema, algodão, tremoço, azeitona, laranja, limão), alimentação (xarope, açorda, almôndega) dão uma pálida ideia do peso do léxico árabe no português que falamos.

Contudo é importante ressaltar que tanto os substratos quanto os superstratos linguísticos obtiveram papel significativo para o enriquecimento do léxico da língua portuguesa. Pois, através destes povos que em determinada conquista eram vencedores ou vencidos, contribuíram de fato com a história da LP, de sua cultura e legou um repertório linguístico importante para sua formação e das línguas românicas da Península. Portanto, por meio do enorme intercâmbio cultural e linguístico proporcionou, também um condicionante teórico para o estudo e aprofundamento dos chamados "empréstimos linguísticos". Mas, este é assunto para outro momento.

## 5. " Tendências Neolatinizantes do LV" ao Português

As tendências neolatinizantes do LV é um conjunto de inclinações ou evoluções sofridas na língua Latina, que ocorreram devido à expansão do império romano, a imposição da língua pelos povos conquistados e pela grande aceitação dos povos incultos.

A Língua Portuguesa acumula em sua estrutura e funcionamento os resultados do processo derivativo do LV ao Português, processos estes que serão apresentados brevemente, com alguns destaques relevantes oriundos do LV, extraídos, basicamente do capítulo homônimo de Furlan (2006, p.303-305), como tendências neolatinizantes que se demonstravam, sobretudo, a partir do século V. Não pretendemos esgotar o assunto, mas realizar uma breve demonstração com destaque para tais tendências. Portanto, será dada importância a aspectos relacionados ao léxico na fonética e fonologia, morfologia e sintaxe.

### 5.1 Aspectos Lexicais

Considerando as tendências lexicais neolatinizantes do LV, Furlan assegura que havia a "preferência" por palavras compostas, com a atribuição de sentido a certos vocábulos. Havia predominância de uso de vocábulos mais populares e afetivos com sufixos diminutivos. Enquanto o LC usava a palavra *équus* ( cavalo de montaria), no sentido de cavalo, o LV preferia utilizar *caballus* com o mesmo sentido, embora originalmente essa palavra tivesse outra significação ( cavalo de lavoura). O português adotou a palavra cavalo do LV. Assim, segue com a palavra "*domus*" uma forma mais erudita, para expressar a mesma ideia que em português predominou o vocábulo do LV "casa". Algumas palavras do LC recebiam um significado especial no LV: "parentes", tido como significado de pai ou mãe no LC,"parentes" no LV.

### 5.2 Aspectos Fonéticos

No LV as vogais diferenciaram-se somente pelo timbre, isto é, abertas ou fechadas. Ocorrendo o abandono do sistema de duração das vogais como no exemplo *secretum*> segredo, a vogal "é" fechada, e *rotam* > roda , a vogal "o" aberta. Ocorreu também a redução dos ditongos e hiatos a simples vogais: os vocábulos "*poenam*" transformou-se em "pena" e

"*ama-o*" para "*ama*". A transformação ou queda de alguns fonemas exemplo no léxico "*rivum*"> rio. Como no português atual, uma tendência verificada é que há uma grande quantidade de palavras paroxítonas evitando as proparoxítonas. Exemplo o léxico : *másculum* > *masclum*. A desnasalação ou queda do "n" no grupo "ns": *ansa* > *asa* e *mensam* > *mesa*. Os aspectos fonéticos acima demonstrados são chamados metaplasmos, alterações que as palavras sofrem durante sua evolução do Latim para o português. São alterações apenas fonéticas, conservando as palavras a mesma significação.

### 5.3 Aspectos Morfológicos

Referindo às tendências morfológicas neolatinizantes do LV, Furlan demonstra que ocorreu a redução das cinco declinações do LC, as palavras nesta vertente do latim dividiam-se segundo a terminação, chamadas declinações: I. *Hora*, ae; II. *Lupus*, i; III. *Ovis*, is; IV. *Cantus*, us; V. *Dies*, ei. Estas cinco declinações reduziram-se a três no LV, com perda da quarta e da quinta. A quarta declinação confundiu-se com a segunda, e a quinta incorporou-se parte à terceira e parte à primeira: ( *servam*> *serva*), *servum* > *servo*, *virtutem* > *virtude*, *spiritum* > *espírito*, *diem* > *dia*).

Dessa maneira , houve a redução dos seis casos a um só ( acusativo na Península Ibérica, nominativo na Itália). O acusativo é o que podemos chama-lo de caso lexicogênico do português, assim a desinência *m* do singular (*serva-m*) sofreu apócope já no LV, ao contrário do *s* do plural (*servas*) que subsistiu as formas nominais do acusativo serão transcritas sem tal *-m*: *servam* > *servas* > *serva*, *servas*; *servum*, *servos* > *servo*, *servos*, etc. Tendência para tornar masculino os nomes neutros quando no singular (*lignus*, por *lignum* > lenho) e femininos quando no plural, (*ligna* > lenha ), entre outras.

### 5.4 Aspectos Sintáticos

Enquanto no LC as preposições eram poucas, o LV usava-as com maior frequência, para suprir a função das desinências dos seis casos reduzidas às do acusativo: *mitto tibi librum*"envio a ti um livro".

Outro aspecto sintático era a preferência da ordem direta da estrutura frasal: "*Agus lupum timet*" tradução " O cordeiro teme o lobo".

Como resultado desses aspectos acima mencionados, existiam também no LC, no

entanto acentuaram-se melhor no LV e foram herdadas nas línguas neolatinas.

## 5.5 Fontes do Latim Vulgar

Ao referirmos ao LV neste trabalho, um problema surge de imediato: é o de como apresentar registros dessa modalidade de uma época em que não havia os meios de comunicação de que hoje se dispõe para registro e disseminação. De que maneira se poderia dispor de uma amostra composta de obras do LV?

Para Mauren Jr (1962, p.16), é possível admitir a existência de um latim do povo “mesmo sem provas documentais diretas, pela simples razão de sabermos que uma língua viva é sempre diferente nas diversas camadas da sociedade e que a língua falada se distingue necessariamente do estilo mais ou menos elaborado dos textos literários”. Entretanto, é trabalho árduo aprofundar o estudo sobre o LV, pois o mesmo não era comumente encontrado em documentos, visto que muitos notários e escribas lavravam os documentos em LC. Todavia, não implica dizer que não há registros escritos em LV. Embora escassos nas fontes dessa modalidade como: as inscrições, os diálogos de teatro, a *peregrinatio as Loca Sancta*-Peregrinação de uma freira hispânica do início do século V). Mas ao que nos interessa mencionar e realizar um breve comentário é no documento chamado *Appendix Probi*, “Apenso a probó”,

Como se trata de latim vulgar, apresentamos como estudo das tendências neolatinizantes desta modalidade, como fonte mais relevante desta vertente o *Appendix Probi*, escrito possivelmente no século III d.C. e encontrado junto aos textos do gramático Probo, considerado uma espécie de correção das palavras utilizadas pelos elementos da plebe, Silva Neto (1964, p. 221) apresenta-o na íntegra, totalizando 227 correções. Transcrevemos aqui, apenas algumas expressões: *ansa non asa* (asa), neste verbete ocorreu a desnasalação, fenômeno da síncope do "n" no meio da palavra; *artículus non articlus* (artigo), ocorreu a síncope da vogal breve postônica (tendência a desfazer proparoxítonas), *speculum non speclum* (espelho), notamos, neste exemplo, a queda da vogal postônica. Demonstramos a relevância dos verbetes do *Appendix Probi* com a explicação da autora abaixo com o vocábulo *auris non oriela* (orelha), conforme (Carvalho 1977) ao se tratar da importância do *Appendix Probi*, o mesmo possui uma relação pequena que seja de formas do Latim Vulgar que só assim podemos explicar a origem de certas palavras do nosso léxico em face de vocabulário com sua variação em relação ao LC. A palavra orelha, acima citado por exemplo, jamais poderia ser explicada por uma derivação direta do Latim Clássico *auris*, mas através da

forma diminutiva do Latim Vulgar *oricla*, marcada pelo sufixo "ula", assim, dentre os 227 verbetes, conhecemos com Furlan (2006, p. 305-306) as seguintes informações:

Tendência a evitar as proparoxítonas em favor das palavras paroxítonas mediante síncope da vogal postônica : *artículus non articlus* > *artelho* (artigo), *speculum non speclum* > *espelho*, *masculus non masclus* > *macho*, *vetulus non veclus* > *velho*, *calida non calda* > *calda*, *frigida non fricda* > *fria*, *oculus non oclus* > *olho*.

Permuta ou passagem entre /b/ e /v/: *alveus non albeus* > *albo* e *alvo*, *bravium non brabium* > *bravio* > *tolerabis non toleravilis* > *tolerável*.

A desnasalação, ou seja, a síncope do "n" no meio da palavra: "ansa" *non asa*.

A assimilação transformação de um fonema em igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra: "*pérsica non pessica* assimilação > *pêssego*.

Essas formas e tendências corrigidas é que acabaram predominantemente por derivar para as línguas neolatinas como a galego-portuguesa, mas subsiste ainda hoje nas línguas neolatinas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da língua numa perspectiva histórica, revelar aspectos de mudanças linguísticas que foram confirmados na LP. Com certeza, encontraremos respostas para inúmeros questionamentos dos mecanismos linguísticos em sua evolução. Nesse sentido, o seu desenvolvimento está intimamente ligado aos fatos gerais que constituem a história da Península Ibérica. Os romanos penetraram na Ibéria no séc. III a.C, porém o latim disseminado nas regiões conquistadas pelo império provinha de diversas populações, tais como: os legionários, comerciantes, camponeses, etc. Todavia, a língua que se impôs e serviu de base para as novas línguas que surgiram no território ibérico foi denominado Latim Vulgar, isto é, o falado pelo povo.

Na realidade o LV é o que corresponde essencialmente ao nosso conceito de língua viva. É justo dizer que as línguas neolatinas provém do LV no sentido relativo de que resultaram de um latim dinâmico, essencialmente de língua oral, em processo de perene evolução. Elementos do LC, que estão nas origens românicas, são os que se integram em um processo evolutivo, fazendo-se "vulgares".

Em virtude dos aspectos linguísticos analisados faz-se necessário enfatizar o léxico, como a parte mais característica dos dialétos sociais, por sofrer aumentos e substituições ou



"empréstimos", não só de ordem cultural, mas no contato íntimo com outras línguas no mesmo território regional. E através do vocábulo da língua, podemos compreender toda sua estrutura e funcionamento.

Concluimos que os resultados da pesquisa obtida em razão das análises das tendências neolatinizantes do LV constituem numa evolução constante da LP e de grande importância para o estudo das línguas neolatinas, pois confirmam que na estrutura interna da LP, são apresentados aspectos linguísticos predominantes do LV. Sendo assim, essa pesquisa não possui caráter definitivo, servindo apenas de esboço para futuros estudos. Pois, a língua não se esgota em conjuntos de palavras escritas, nem em cada falante de uma língua. A língua é um instrumento vivo de comunicação, e como tal, está sujeita a mudanças linguísticas.

## **RESUMEN**

Esta investigación se centra en el estudio y tuvo como objetivo comprender los aspectos lingüísticos del cambio confirmado en portugués. Vamos a analizar a través de estudios históricos de la lengua portuguesa, especialmente del LV, sobre la base de un recorte en los estudios de la forma del latín vulgar de la Península Ibérica. El objetivo es presentar los problemas que busca aclarar los fenómenos relacionados con la evolución del latín vulgar para convertirse en portugués, así como la discusión de los temas geográficos y políticos muy esenciales para la formación que la lengua portuguesa adquirir, de las influencias de neolatinizantes tendencias que se demostrará en sus aspectos léxicos, fonéticos, morfológicos y sintácticos. Por lo que podemos apreciar en un primer momento un poco acerca de la evolución de la LP. Sin embargo, investigamos cómo y de qué manera la modalidad de la lengua hablada (latín vulgar) fue un factor clave para la formación de las lenguas romances. Para ello buscamos apoyo teórico en (Coutinho, 2005) (Furlan, 2006), (Silva Neto, 1946), (Haüy, 2008) entre otros.

Palabras clave: el latín vulgar. Lengua portuguesa. Génesis de la lengua. El cambio lingüístico.

## **REFERÊNCIAS**

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica: Histórias Externa das Línguas** v.1 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2005.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao Latim**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima **Pontos de Gramática Histórica**. 19a impressão. Rio de Janeiro Ao Livro Técnico, 2005.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e Literatura e sua Derivação Portuguesa**. Petrópolis, RJ: vozes, 2006.

HAUY, Amini Boainaim. **História da Língua Portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

JESUS, Sérgio Nunes de. **Contextualização histórica do léxico da língua latina: (A constituição linguística e suas variantes formais)**. In: CELLI - COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 2070-2087. Disponível em: <[http://www.ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_linguisticos/pfd\\_linguisticos/097.pdf](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/097.pdf)>. Acesso em: 15 fev.2016.

LOURENÇO, Nehemias Nasaré; SILVA, Ricardo Soares da. **Variações Classificatórias do Latim: Premissas da Modalidade Vulgar e sua Derivação na România**. 2011. 22f. Artigo (Graduação em Licenciatura em Letras com Habilitação em Espanhol) - Centro de Educação Departamento de Letras e Artes Curso de Letras Língua Espanhola, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2011.

Disponível em: [lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/321.pdf](http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/321.pdf). Acesso em: 15 fev.2016.

LUNA NETO, Francisco Moreira. **A Importância de Estudar o Latim para o Aprendizado da Sintaxe da Língua Portuguesa pelos Discentes de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC-BA**. Rio de Janeiro: CIFEFiL- Circuito Fluminense de Estudos Filosóficos e Linguísticos, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/04/01.pdf>. Acesso em 15 fev.2016.

MAURER, JR. Theodoro Henrique. **O Problema do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

PITA, Luiz Fernando Dias. **Latim e Esperanto**: Unigranrio/ UCB,2002.

SILVA NETO, Serafim da **Fontes do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional,1946.